

PROCESSOS COEDUCATIVOS EMPODERADORES EMERGENTES DA METODOLOGIA DA EXPERIÊNCIA CRÍTICO-AFETIVA

MS. ANA CRISTINA GABRIEL PEREIRA

Mestra em Educação Física pelo Mestrado Profissional em Rede da
Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR
Professora de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Ribeirão Preto – SP

DR. OSMAR MOREIRA DE SOUZA JUNIOR

Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Professor do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da
Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR

Resumo | O presente estudo é fruto de pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação Física, realizada nas aulas de Educação Física de uma escola pública municipal. O recorte da pesquisa aqui apresentado tem por objetivo analisar os processos coeducativos empoderadores na perspectiva discursiva, emergentes da implementação de uma unidade didática orientada pela Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva (MECA). Trata-se de uma pesquisa-ação, realizada com uma turma de 6º ano. Os resultados do recorte ora apresentados evidenciam processos coeducativos relacionados à autoconfiança e ao orgulho de ser mulher; processos coeducativos da conscientização sobre o direito de escolha, o direito de jogar e sobre o machismo; e processos coeducativos de enfrentamento dos preconceitos e de autoafirmação.

Palavras-chave | Educação Física Escolar; Empoderamento; Gênero

CO-EDUCATIONAL EMPORWERMENT PROCESSES EMERGING FROM THE CRITICAL-AFFECTIV EXPERIENCE METHODOLOGY

Abstract | The present study is the result of a Professional Master's Degree in Physical Education research, which was conducted during P.E. classes of a municipal public school. This research analyzes the co-educational processes that empower the discursive perspective, emerging from the implementation of a lesson plan guided by the Critical-Affectiv Experience Methodology (MECA, acronym in Portuguese). This is a field based research, conducted with a 6th grade class. The results show co-educational processes related to growth in self-confidence and pride in being a woman; co-educational processes of awareness of the right to choose, of the right to play, and of chauvinism; and co-educational processes of self-affirmation and confronting prejudice.

Keywords | Physical Education, Empowerment, Gender.

PROCESOS COEDUCATIVOS EMERGENTES DE LA METODOLOGÍA DE EXPERIENCIA CRÍTICO-AFECTIVA

Resumen | El presente estudio es resultado de una investigación desarrollada en la Maestría Profesional en Educación Física, realizada en las clases de Educación Física de una escuela pública municipal. Una parte de la investigación presentada aquí tiene como objetivo analizar los procesos coeducativos de empoderamiento en la perspectiva discursiva, que emerge de la implementación de una unidad didáctica guiada por la Metodología de la Experiencia Crítico-Afectiva (MECA). Es una investigación de acción, realizada con una clase de 6° año. Los resultados del recorte presentado muestran la evidencia del proceso coeducativo, relacionados con la autoconfianza y el orgullo de ser mujer; procesos coeducativos de la conciencia sobre el derecho a elegir, el derecho a jugar y sobre el machismo; y procesos coeducativos para enfrentar los prejuicios y la autoafirmación.

Palabras clave | Educación Física Escolar; Empoderamiento; Género

INTRODUÇÃO

Basta um olhar direcionado à temática das relações de gênero para compreendermos o quanto a reflexão sobre a reprodução de valores de desigualdade e o padrão de comportamentos hegemônicos na escola, e nas próprias aulas de Educação Física (EF), especialmente nos esportes,

se faz necessária, no sentido de evitarmos reproduzir e reforçar atitudes e comportamentos que nos foram ensinados como “naturais”, ao preconizarem, exclusivamente, as referências masculinas como elementos de uma cultura patriarcal a desvalorizar a força das mulheres enquanto pessoas.

Diante disto, esta pesquisa permeou discussões a respeito do empoderamento das meninas nas práticas corporais e mais especificamente nos jogos esportivos de invasão (JEI), numa perspectiva coeducativa. Tal perspectiva foi experimentada a partir de um tratamento didático nas aulas mistas de EF e nas rodas de conversa, sobretudo nas situações em que meninos se consideravam com habilidades corporais/esportivas que garantiriam a sua superioridade sobre as meninas.

Compreendemos a coeducação como as aulas conjuntas entre meninos e meninas que realizam as mesmas atividades, com a efetiva participação de ambos e nas quais o respeito pelas diferenças é discutido e vivenciado (SOUZA JÚNIOR, 2007).

Adotamos os processos coeducativos como um recorte de pesquisa a partir da concepção de “processos educativos” estabelecida por Oliveira *et al.* (2014). Os processos educativos são compreendidos segundo estas autoras e autor como inerentes às práticas sociais e decorrentes destas. Isto é, em todas as práticas sociais, incluindo a escola, há um ensinar e um aprender decorrente das relações que se estabelecem entre diferentes atores nos diversos contextos sociais (em todos os tempos e espaços).

Ao trazermos alguns pressupostos da Pedagogia do Esporte entendemos que tanto neste campo de conhecimento como na Educação Física Escolar (EFE) é possível se pensar nos processos de ensino e aprendizagem a partir de abordagens que se aproximam dos pressupostos das metodologias ativas, nas quais o/a aluno/a se faz protagonista do processo de construção do conhecimento.

Na perspectiva defendida por Reverdito, Scaglia e Paes (2009), a Pedagogia do Esporte baseia-se em pressupostos da teoria interacionista e o processo de ensino na escola deve ser centrado na lógica que aproxima as diferentes modalidades esportivas (grande família de jogos), com base nas competências para o jogo, na inteligência interpretativa e na tomada

de decisão do/a jogador/a. Os autores referem-se, portanto, a uma busca de autonomia (associada à emancipação), principalmente, à medida que os/as jogadores/as tomam consciência de suas ações no jogo e da manifestação da lógica do esporte em determinado contexto cultural e social.

Consideramos que esse processo de autonomia/emancipação passa pelo empoderamento discursivo das meninas. Para tanto, torna-se importante estabelecer os tempos e espaços das aulas de EFE como plataformas para o Lugar de Fala de todos e todas como forma de promover o reconhecimento da importância de se afastar do discurso tomado como universal. Nesse sentido, concordamos com Djamilia Ribeiro (2019) ao afirmar que os saberes produzidos por sujeitos de grupos historicamente discriminados oferecem-se como contra discursos importantes e “[...] lugares de potência e configuração do mundo por novos olhares e geografias” (p. 75).

Joice Berth (2018) conceitua empoderamento como um instrumento de luta social para que as minorias sociais consigam sair do lugar de subalternidade (emancipação). É romper com os processos de opressão. A autora refere-se a Paulo Freire como precursor da categoria de análise empoderamento, que parte da questão de conscientização do indivíduo dentro de uma sociedade em que vive e todas condicionantes que vão pautar sua vida, na medida em que, para o autor “[...] ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 26).

Partimos dessas referências para a EF e compreendemos que, a partir delas, conseguimos (re)construir uma metodologia ativa de ensino, autoral, na perspectiva de fomentar tanto a participação mais igualitária de meninas e meninos nos JEI como nos debates e nas problematizações sobre as desigualdades de gênero circunscritos nos cenários esportivos e sociais.

Nossa intenção não se reduz a inventar ou inaugurar uma nova proposta metodológica, mas definir uma proposição conceitual que represente o que foi realizado durante a pesquisa, principalmente pelo fato de perceber nas diversas facetas da Pedagogia do Esporte e/ou dos modelos de ensino do esporte a ausência de um “olhar” especificamente para as questões do gênero na EFE.

A proposta do presente estudo é fruto de pesquisa desenvolvida pela professora-pesquisadora no ProEF realizada em uma escola de rede pública municipal. Os dados coletados foram analisados por meio de categorias (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2000). Dessas análises decorreram duas grandes categorias. A primeira está relacionada às questões de gênero que emergem do contexto da unidade didática dos JEI cujo objetivo foi investigar as questões relacionadas à dominação masculina na sociedade, à desigualdade de direitos entre homens e mulheres e à classificação sexistas dos Esportes e papéis sociais. Já a segunda categoria, relaciona-se ao impacto da MECA, e dela derivaram três subcategorias: a) os processos de empoderamento discursivo das meninas; b) os processos de empoderamento tático-técnico das meninas nos JEI e c) os processos coeducativos para a superação do sexismo.

O recorte da pesquisa aqui apresentado trata-se da subcategoria “a” da segunda categoria geral da pesquisa original. Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo analisar os processos coeducativos empoderadores, na perspectiva discursiva, emergentes da implementação de uma unidade didática orientada por um modelo de intervenção que denominamos de Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva (MECA).

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Nosso estudo caracteriza-se por uma pesquisa-ação que segundo Fonseca (2002, p. 34) balizada pela implementação de uma unidade didática com 17 aulas sobre o ensino dos JEI, pautada na coeducação e em interface com as relações de gênero.

O universo da pesquisa foram as aulas de EF dos/as alunos/as do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal periférica do interior de São Paulo. Os/As participantes integrantes totalizavam 22 meninas e 14 meninos.

Utilizamos como instrumentos de produção de dados os diários de aula (DA) (ZABALZA, 2004), as narrativas individuais e em pequenos grupos e análises dos vídeos gravados nas aulas. Os dados foram registrados por meio de filmagens e gravação de áudios (no celular).

A unidade didática, organizada de uma maneira na qual os saberes corporais, conceituais e atitudinais se entrelaçavam durante as aulas, oportunizava tanto experiências que eram corporais/motrizes, afetivas, quanto experiências que demarcavam a criticidade e as tomadas de consciências.

Quadro 1 – Estrutura da unidade didática

DAI ^{<?>} : Kahoot - Esportes de Invasão e a participação feminina e masculina nos jogos
DA II: Identificação e vivência dos esportes socialmente reconhecidos como de homens e mulheres (vôlei e futebol)
DA III: Demandas táticas do jogo: princípios da lógica interna dos jogos esportivos de invasão (caça pantera e polícia e ladrão)
DA IV: Princípios operacionais e demandas táticas dos jogos esportivos de invasão: transição defensiva ofensiva (pegou/defendeu – largou/atacou)
DA V: Frisbee e a lógica interna do esporte de invasão. Mini hand com vantagem e desvantagem numérica.
DA VI: Planejamento do júri simulado: explicação da dinâmica e da divisão dos grupos
DAVII: Júri simulado: “Homens e mulheres deveriam participar de esportes profissionais coletivos juntos?” - Vídeos de publicidade (des)construção de estereótipos e preconceito
DA VIII: Construção de regras e arbitragem em jogos reduzidos (Futebol de rua ^{<?>})
DA IX: Frisbee Callejero
DA X: Futebol Generificado
12º encontro: Narrativas individuais

Fonte: Elaborado pela autora e pelo autor

PROCESSOS DE EMPODERAMENTO DISCURSIVO

Ao longo dessa pesquisa-ação, percebemos o surgimento de processos de empoderamento discursivo das meninas acontecendo na perspectiva do que era sentido, declarado e anunciado por elas. Esses foram analisados tanto no âmbito da autoconfiança, da imagem positiva de si mesma e do poder de escolha das alunas como no do enfrentamento, frente a questões relacionadas à discriminação, exclusão, preconceito, à subalternidade. Estamos falando em capacidade de pensar criticamente.

Através da fala da Aluna 7, podemos observar os **processos coeducativos relacionados à autoconfiança** sendo verbalizado após a aula do Futebol de rua (DA VIII), quando disse: “*Eu me senti confiante com o que eu estava fazendo, tipo você ter confiança em você, é você saber que você pode*”.

Para além do sentimento de confiança, conseguimos perceber nas meninas confrontos discursivos a respeito da não aceitação de determinadas práticas sociais hegemônicas e dominantes, tais como: o monopólio e a dominação dos meninos nos esportes de invasão e a reprodução de discursos machistas pelos/as professores/as e familiares.

Na fala da Aluna 26, identificamos **processos coeducativos da conscientização sobre o direito de escolha**. Como uma mudança na sua forma de pensar, após a implementação dessa pesquisa-ação, a participante passou a confrontar as temáticas problematizadas em aula com os discursos usualmente reproduzidos por sua mãe: “[...] *Eu achava, também, que menina não podia jogar futebol, porque minha mãe sempre falava que menina tem que ficar brincando de boneca. Aí quando a gente começou a falar isso, aí que eu percebi que não é assim que, menina pode fazer o que ela quiser [...]* (Narrativa individual, 12º encontro).

De acordo com Anjos *et al.* (2018) a ideia de empoderamento¹ no contexto esportivo está diretamente relacionada à desnaturalização da hegemonia masculina, à ocupação e à apropriação do Esporte pelas mulheres. Segundo as autoras, o empoderamento, “[...] não é algo que é passivamente adquirido; é uma ‘conquista’ constante e necessariamente autogestionada” (ANJOS *et al.*; 2018, p. 3).

Outra evidência do empoderamento discursivo diz respeito aos **processos coeducativos de enfrentamento dos preconceitos**. Através de narrativas individuais em pequenos grupos, na terceira aula, algumas alunas quiseram verbalizar sobre as atitudes machistas apresentadas pelas

1. “Processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão” (ANJOS *et al.*; 2018, p. 3).

professoras da escola que, por exemplo, escolhiam exclusivamente os meninos em momentos que envolviam força, como no carregamento de materiais. A fala da Aluna 1 “[...] *a gente disse pra ela [professora] que isso não é coisa de homem nem de mulher, que qualquer um pode levar*” já demonstra uma tomada de consciência, que remete ao empoderamento contra argumentações de cunho machista.

O vídeo “*Like a girl*”² proporcionou às alunas a percepção sobre as “brincadeiras” ofensivas e machistas reproduzidas pelos meninos da turma. As “brincadeiras” passaram a ser percebidas como comportamentos discriminatórios, ofensivos que implicavam na hierarquização entre gêneros na qual considerava a menina como “sujeito menor”. Classificamos essas atitudes, que emergiram em decorrência da estratégia metodológica utilizada pela professora-pesquisadora, como **processos coeducativos de conscientização sobre o machismo recreativo**³. Podemos afirmar que o vídeo impactou as meninas no sentido de dar visibilidade concreta aos estereótipos pejorativos vinculados à imagem da mulher e de compreender como esses são reproduzidos de maneira “invisível” e discreta pelos meninos, tal como se configura a violência simbólica (BOURDIEU, 2012).

Após as reflexões e a roda de conversa sobre o vídeo e os diálogos realizados naquela aula, perguntei a algumas alunas de que maneira elas

2. A campanha publicitária tinha como objetivo por fim em alguns estereótipos. Garotos/as de variadas idades são convidados/as a encenarem situações como: correr, lutar e jogar bola como uma menina. As imitações representam cenas exageradas, que ficam ainda mais estereotipadas, quando são interpretadas por adolescentes, principalmente, os meninos. Em contrapartida, ao encenarem a mesma situação, as meninas mais jovens mostram um comportamento confiante e expressam a força e a determinação feminina em suas movimentações. O vídeo mostra que a conotação “tipo uma menina” soa como algo ofensivo, humilhante e menor, principalmente na fase em que a menina está na puberdade. Ao final do vídeo, os adultos que participaram da audição são incentivados a refletirem sobre a atuação que fizeram, e tentam mostrar como seria agir como uma garota sem pensar em estereótipos. Vídeo disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=mOdALoB7Q-0>> Acesso em 20/05/19.
3. Pensamos a categoria “machismo recreativo”, apoiada no conceito de “racismo recreativo” de Adilson Moreira (2019). Em nosso caso refere-se às brincadeiras e piadas de caráter machista que são empregadas nas trocas jocosas em especial entre homens e que não são percebidas por eles como ofensivas em que pese seu caráter discriminatório e depreciativo em relação às mulheres.

reagiriam caso alguém falasse para elas que estavam lutando/jogando como “uma menininha” e uma delas respondeu: *“Ah, posso falar, eu sou uma menina, mas jogo do jeito que eu consigo, do meu jeito, não esse jeito “tipo menina”* [e gesticulava descoordenadamente os braços]. *Pra mim não existe mais isso como se fosse uma ofensa*” (Aluna 18).

Através das narrativas das alunas, notamos posturas positivas e confiantes (**processos coeducativos de autoafirmação**). O sentimento de orgulho das meninas começou a emergir com mais concretude e ser verbalizado por elas de maneira diferente daqueles estereótipos elencados no início dessa pesquisa, com denotações ofensivas de fragilidade, fraqueza e inaptidão esportiva.

A respeito do direito de as meninas participarem dos esportes de invasão, observamos processos de conscientização de uma aluna ao perceber sobre a necessidade de desvincular do próprio discurso o direito de as meninas participarem de jogos esportivos, a partir da autorização ou permissão dos meninos (**processos coeducativos de conscientização sobre o direito de jogar**): *“Não, não é deixar, eles têm que querer, porque não é o direito só deles jogar. [...]”* (Aluna 7, Narrativas individuais, 12º encontro).

Notamos que os sentimentos das alunas foram se transformando em prol de uma concepção positiva ao que tange à representatividade de uma menina/mulher, fazendo emergir **os processos coeducativos relacionados ao orgulho de ser mulher**. A noção de ser uma menina/mulher, para algumas alunas, não representava mais uma ofensa; as “brincadeiras” provocadas pelos meninos passaram a ser reconhecidas como atos de discriminação e/ou exclusão de gênero, e a noção sobre o direito de elas participarem de jogos esportivos não estava mais submetido (ao menos discursivamente) às autorizações e permissões masculinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os objetivos traçados pelo estudo, podemos afirmar que os processos de empoderamento discursivo das meninas se

expressaram sob diferentes matizes. Com relação aos processos coeducativos relacionados à autoconfiança e ao orgulho de ser mulher, pudemos observar a capacidade de pensar criticamente e o sentimento de se assumirem fortalecidas e inspiradas, que foi sinalizado pelas alunas como algo proporcionado pelas aulas de EF orientadas pela MECA. Evidenciamos ainda que o empoderamento passou a se configurar em instrumento para legitimar o poder de escolha e romper com as estruturas de opressão e segregação. Aqui, estamos sinalizando para os processos coeducativos da conscientização sobre o direito de escolha, o direito de jogar e sobre o machismo.

A respeito dos processos coeducativos de enfrentamento dos preconceitos e de autoafirmação, percebemos o surgimento de confrontos discursivos das meninas com relação à reprodução de discursos machistas pelas professoras e familiares e notamos por meio dos relatos apresentados que os sentimentos das alunas foram se transformando em prol de uma concepção positiva ao que tange à representatividade de uma menina/mulher.

Observamos que a unidade didática orientada pela MECA corroborou com um acesso mais democrático e igualitário entre meninos e meninas aos JEI e às rodas de conversa propostas em aulas, nas quais as experiências corporais e críticas proporcionaram sentimentos positivos e uma noção de pertencimento da maioria dos/as participantes no contexto das aulas de Educação Física.

Em se tratando de ocupação de espaços, lugares e territórios, é preciso colocar em relevo, ainda que para além da ocupação geográfica, outro ponto de destaque na pesquisa diz respeito à ocupação do território discursivo, ou seja, à instituição do Lugar de fala das meninas.

Os resultados da pesquisa-ação demonstram que as aulas coeducativas aliadas à prática docente crítica e reflexiva sobre as relações de gênero que permeiam as aulas de EF podem contribuir com mudanças significativas para os processos de empoderamento das meninas. Afirmações sobre conquistar o mundo, poder jogar o que (e como) quiser, ter os

mesmos direitos dos meninos, se sentir confiante, inspirada e fortalecida nas (e a partir) das aulas, foram algumas das ações e sentimentos apresentados pelas alunas que deram sentido ao processo de empoderamento discursivo das meninas.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, L. A.; RAMOS, S. S.; JORAS, P. S.; GOELLNER, S. V. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2018, vol.26, n.1 [cited 2019-12-21], e44154. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100703&lng=en&nrm=iso>. Epub Jan 15, 2018. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n144154>
- BERTH, J. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. (160p)
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- MINAYO, M.C.de S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- OLIVEIRA, M. W.; RIBEIRO JUNIOR, D.; SILVA, D.V.C.; SOUSA, F. R.; VASCONCELOS, V. O. Pesquisando processos educativos em prática sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. In: OLIVEIRA, M. W.; SOUSA, F. R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014. P.113-141.
- REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens**. Motriz, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009.
- RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 112 p. (Feminismos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro).

SOUZA JÚNIOR, O. M. de. Educação Física escolar, co-educação e questões de gênero. In: DARIDO, S. C.; MAITINO, E.M (Org.). Pedagogia Cidadã. **Cadernos de Formação Educação Física**, Rio Claro, 2ª ed, p. 57-68, 2007.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Recebido: 11 agosto 2020

Aprovado: 05 novembro 2020

Endereço eletrônico:

Ana Cristina Gabriel Pereira

tigabriel@hotmail.com